

- ~~_____~~
- ① Estanho o uso do verbo caracterizar(se) sem o compl. ped.
 - ② anti-ff, auto*; com hífen apenas quando seguidos de h, s e r (V. IOVOLP, XIV, 46, 5º a e b).
 - ③ Evite alusões vagas, se você está documentando com refs.
 - ④ A abrev. de vide é v.
 - ⑤ (a) Uniformize a documentação: ora v. põe só o título e a pág.; ora subtítulo, editor, data, local, etc. (isto é a ficha completa).
 - ⑥ (b) Evite documentação extensa de autoridades no texto: use o rodapé ou o fim do trabalho para isso. No texto apenas a chamada.
 São casos como passagens de fontes antigas — tais como autores gregos e latinos, Bíblia, etc. — e que se indicam de preferência no texto, mas sem outra indicação (Assim: (Cic., Cat., III, 15); (Luc. 10, 5) etc. †, entre parêntese).
 - ⑥ Apud o falar brasileiro, argumento em prol da l. bras. defente a l. bras. — Estarão usadas com propriedade as expressões substituídas duas vezes?
 - ⑦ Apud X. Marques — Caberia aqui o apud?
 O que você diz de T. de A. é uma alusão, e não citação de texto ipsis verbis. Neste último caso é que caberia Apud. Aí a redução normal seria: Segundo X. Marques⁽¹⁾, lembra X. Marques que T. de A. ... etc.

- ⑧ Ref. n.º 6
- ⑨ Fica bem essa alusão irônica pesada?
 a) nullitas
 b) tais AA.
- ⑩ Referência talvez não muito exata
 V. Sever Pop, G.R., págs 14-16.
- ⑪ Pode-se dizer que são escassos ?!
- ⑫ Mas em diversos não resolve o problema:
 essa questão da infl. tupi (ou indígena)
 e da infl. africana (como até a da árabe)
 são questões que estão a exigir estudos
 sérios, que rebusquem dicionários e repertórios
 lexicos regionais. Antes disso, evitemos grandes
 afirmações e cambaie-se pelo terreno com
 quem pisa em ovos.
- ⑬ Seria distinção típica do port. do Brasil ?!
 aqui tb. é preciso cautela com os
 chamados brasileirismos.

~~esse n.º, subentendido
 "dip." pertencem ao campo
 da l. falada pop
 Mas qual é real - a l. falada?
 - a pop?
 - a elite?
 - a aristocr?~~

rigorosos de nossa língua falada e escrita.

11 O argumento mais cansado em prol da língua brasileira é o das influências tupis e africanas sobre o português do Brasil. Diversos estudiosos atribuíram ao tupi e às línguas africanas particularidades fonéticas, morfológicas e sintáticas encontradas apenas no Brasil. Até o vocabulário que adotamos daquelas línguas serviu de muletas a tais AA.

10 Neste particular, não cabe dúvida que o português se enriqueceu, no Brasil, com milhares de palavras tupis e africanas. Há que distinguir, contudo, entre palavras lexicográficas, que se acham dicionarizadas, e instrumentos gramaticais (artigos, pronomes, conjunções, preposições, advérbios), pois apenas estes caracterizam um idioma. A grande maioria das palavras lexicográficas do romeno é de procedência eslava, contudo tal língua é considerada românica por via de seus instrumentos gramaticais.

12 Modernamente encaram-se os escassos tupinismos e africanismos como fruto da aprendizagem má do português, o que é evidenciado pelos pontos coincidentes quando se comparam os resultados daquelas influências. Além do mais, diversos foram os africanismos herdados a Portugal, para onde os negros afluíram muito antes de pisar as plagas americanas. (cf. Serafim da S. Neto, op.cit., pp. 121-164).

Outros argumentos caracterizadores da língua do Brasil foram aduzidos.

13 Na fonética: presença de vogais mais fechadas; evolução do -e final para -i (gênti); pronúncia indistinta de chegamos (pres. do ind.) e chegámos (perf. do ind.); redução dos ditongos ei e ou para ê e ô (intêro, ôro); permuta das consoantes r e l (marvado); supressão do -r final (andá) e passagem de lh a i (paia).

13 Na morfologia: perda do -s final para indicar pluralização (duas pessoa); uso do indicativo com valor de imperativo negativo (não faz isso).

13 Na sintaxe: emprêgo do pronome pessoal de caso reto em função objetiva (pegar êle); troca do pronome acusativo pelo dativo (visitar-lhe); uso de ter em construções existenciais (Hoje tem aula) e da preposição em introduzindo regime de verbo de movimento (vou na feira); ojeriza pelas combinações pronominais mo, to, lho e de pronome com verbo em determinadas situações (di-lo, qué-lo, fáalo) e colocação pronominal diversa

(13) Será que o resolven?! Em que é
que o me é tônico em me dá
o livro? A modulação é:

me dá o livro. É não!

me dá o livro.

(14) Você não citou ainda J. Sa Nunes. Por
que o.c.?!

(15) Responsável fica melhor por erro (e
não por acênto). Empreendimento é pouco
usado e, portanto, dá tom pretensioso
ao estilo. Por que não tratamento,
focalizado?

(16) Estranha a regência.

(17) Atualmente. Quais as obras ou as
atividades nesse sentido? De quantos é
o DC de A. Amaral? E o de M. Marro-
quin?

da portuguesa.

Este último ponto foi a pedra de toque do problema durante muito tempo. Resolveu-o Said Ali (Dificuldades da Língua Portuguesa, 5ª ed., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957, p. 51 e ss.): a colocação pronominal brasileira difere da portuguesa por causa da entoação: pronomes típos por átonos em Portugal, são tônicos no Brasil, e por isso podem vir à testa da oração, como em me dá o livro.

Todos aquêles supostos brasileirismos, analisados por Paiva-Boléo (o.c., pp. 20-43) acobertavam, na realidade, arcaísmos ou dialetismos portugueses trazidos pela colonização e aqui conservados. Para o estudo das diferenças ~~entre~~ linguísticas entre Portugal e Brasil, vj., também, José de Sá Nunes - o.c., pp. 120-202; A. Nascentes - O Idioma Nacional, vol. IV. R. de Janeiro, Livraria Machado, 1929, pp. 171-192; Cândido Jucá (filho) - Língua Nacional. Rio de Janeiro, 1937.

Quase todos os estudiosos do assunto são acordes quanto ao caráter conservador do idioma nacional. Os falares brasileiros, fundamentados no português quinhentista, devem seu tom arcaizante à ruptura que se verificou em relação ao tronco europeu, o que obstou à língua a marcha evolutiva.

Alinham-se, outras vêzes, brasileirismos que resultam dum erro consistente em se comparar o português popular do Brasil ao português corrente europeu. É o que concluiu Paiva-Boléo, responsável pelo enfocamento verdadeiramente científico do problema do brasileirismo (cf. o.c., p. 66 e ss.).

A questão se encaminha, atualmente, para novos rumos: de um lado, a apreciação do estilo brasileiro que matizou a língua portuguesa (Gladstone C. de Melo, A língua do Brasil, pp. 107-118), aspecto que espera ainda por estudos fundamentados na moderna técnica estilística. De outro, pesquisas de dialetologia brasileira, que permitirão: a) dividir o território nacional em áreas linguísticas; b) caracterizar os falares brasileiros; c) estabelecer o conceito de brasileirismo. Esta tendência foi inaugurada por Amadeu Amaral, seguindo-se-lhe A. Nascentes e Mário Marroquim (vj. bibliografia). Os primeiros resultados neste campo conduzem à crença numa unidade de características dos diversos falares brasileiros (SS Neto, Introd., pp. 175-185). Para a técnica da pesquisa dialetológica, vj., do mesmo A., a o.c., pp. 225-247 e o Guia para estudos dialetológicos.

conceito de "unidade de falares":
varia"

⑮ A sua bibliografia está incompleta, desigual e exposta sem coerência

- a) Incompleta - Faltam títulos importantes, muitos deles levantados pelo S.C.M. em Al. do Brasil. Faltam os trab. do L. de V.
- b) desigual - Não sei se cabem aí trabalhos como o livro do Sa Nunez
- c) Algumas das obras vêm expostas só com autor e título.

⑯ ① trabalho me parece incompleto:

① Seria necessário um exame ^{geral} das condições e infls. novas que o port. encontrou e encontra no Brasil: Falares indígenas, unifraes africanas, unifraes europeias, desenvolvimento da população, zonas de infl. etc.

② Seria necessária uma decisão mais completa e objetiva do léxico, da fonética, de alguns poucos fatos de morfologia, da ortografia, de modulacões, sempre com as reservas quanto as prof. de uma generalização apresentada.

③ Seria necessário pelo menos verificar a importância de lit. regionalista ^{especialmente de} para ~~de fora de tin~~ prosa modernista para de fora de tin as questões em erro de ignorância de brasileiros

④ Seria necessário ressaltar a importância dos verbos 70.000.000 de brasileiros contra de portugueses.

Armando de Lacerda

Notam-se, por fim, os primeiros estudos da entonação portuguesa ~~xxxxxxxxxxxx~~ e brasileira, ramo de pesquisa mais recente, e que já nos deu, do lado português, Armando Côrte Lacerda (

e do brasileiro Cândido Jucá (filho) - A pronúncia brasileira. Rio de Janeiro, Coeditora Brasília, 1939.

BIBLIOGRAFIA

1. ~~Melo~~ Melo, Gladstone C. de - A língua do Brasil. R.S., Livraria Souza Felist., 1946
2. Silva Neto, S. de - Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil. R.S., Dep. de Imprensa Nacional, 1951.
3. Paiva & Dolio, M. de - "Brasileirismos. Problemas de Métodos", in Brasília, vol. III, 1946, pp. 3-74.
4. Moural, A. - O dialeto carioca
5. B. Nasceter, A. - O linguajar carioca.
6. Marquim, M. - A língua do Nordeste
7. Só-Nunes, Iró de - Língua Vernácula, 4ª série, 1ª ed. S.P., Saraiva & Cia. - Edid. S., 1938.

1. novos "vendi" do pt no Br.
2. Sinais e lúct. das opiniões sobre d. h. até novos dias.
3. Dift. apontados.
4. Est. atual. / dialetologia
(exame dos dift.) / entonação
revis / estilo h.
H. P. Sinter.

Silva Neto, Seráfim da - Guia para estudos dialectológicos.
Fac. de Ciências de Filosofia. Public. do Centro de Es-
tudos Filológicos, nº 4, Florianópolis, 1955.

Id.- Introdução ao estudo da l.p. no Br. Rio de Janeiro,
Dep. de Imprensa Nacional, 1951.

Nascentes, Antenor - O Linguajar Carioca, 2ª ed. Rio de
Janeiro, Ed. da "Org. Simões", 1953.

Amaral, Amadeu - O Dialeto Caipira. S. Paulo, Edit. Anhembi
Ltda, 1955.

Melo, Gladstone Ç. de - A Língua do Brasil. RJ. , Ed. Livraria
Agirz Edit., 1946.

Mansueto, M. - A l. de
N.F. SP, CFN, 1945

Sauclay, Edger - A R.
h. SP, CFN, 1940

Mendonça, R. A infl. africana
no pt do Br. SP, CFN, 1935

825 C Anasquero - Ex 174

